

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

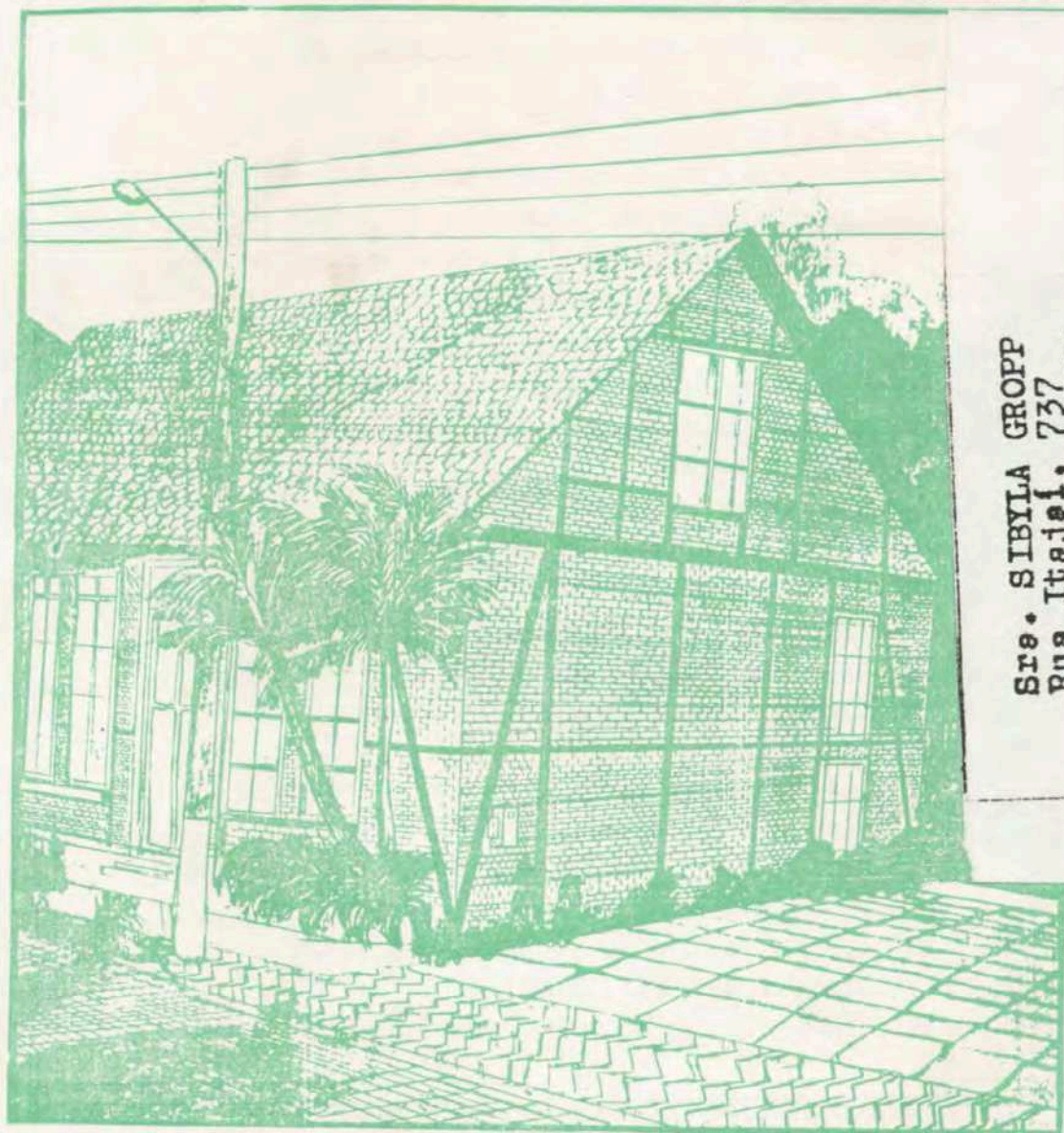
Janeiro de 1991

Nº. 01

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



Sra. SIBYLA GROPP
Rus. Itajóí, 737
89.015 - BLUMENAU

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Janeiro de 1991

Nº. 01

SUMÁRIO

Página

A ingenuidade do educador — Lucila Rupp de Magalhães	02
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. An- nio Francisco Bohn	04
O dualismo teuto-brasileiro na literatura — Prof. Valburga Huber	07
Uma contribuição para a história — José Gonçalves	13
Figura do passado — José Gonçalves	16
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	17
Cafundó — Hermes Justino Patrianova	19
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	20
Adenda à família Arzão — Antônio Roberto Nascimento	23
Aconteceu... — Novembro de 1990	27
O morro do «Spitzkopf» — Traduzido por Frederico Kilian	29
Um pouco da história de Apiúna — Miguel Deretti	31
Homenagem a um educador — Knut Ewald Koster Mueller	32

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 650,00 + 350,00 (porte) = Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 50,00 — Atrasado Cr\$ 100,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 1.200,00 + 800,00 (porte via aérea) Cr\$ 2.500,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

A ingenuidade do educador

Lucila Rupp de Magalhães

Nós, educadores, temos sido considerados ingênuos. Essa afirmação vem sendo repetida e explorada com frequência.

E o que é ser ingênuo? Ser ingênuo é ser sem malícia, é ser simples, é ser puro.

Os ideais da educação, parece-nos, estão bem representados por Dilthey, quando afirma: "a missão da educação é o desenvolvimento do indivíduo por um sistema intencional de meios, até o estado em que ele possa alcançar autonomamente seu destino".

Nós, educadores, portanto, desejamos que as pessoas se desenvolvam e sejam independentes.

E por assim almejar, somos ingênuos?

Comprovadamente as pessoas se desenvolvem nos múltiplos aspectos que as compõem.

Biologicamente, além das teorias que demonstram tal fato, nós verificamos em nossa caminhada de vida como isso ocorre e nos assusta, em dados momentos, quando não conseguimos conter exclamações do tipo: — Menino, como você cresceu!

Intelectualmente, em sua teoria de desenvolvimento cognitivo, Piaget demonstra não só que isso em verdade acontece, como acontece de forma seqüencial e as etapas não podem ser queimadas. E, se não nos enganamos, também nesse aspecto já tínhamos observado tal ocorrência. Quantas vezes nos pegamos sentindo que só após entender determinado assunto conseguimos entender outros?

Emocionalmente, sem dúvida, nos desenvolvemos. E isso nós sentimos, ao tirarmos de nossas vivências lições que nos permitem enfrentar com maior segurança e compreensão situações novas. São notórias a inquietação e precipitação das jovens, determinadas por suas emoções em contraste com o equilíbrio e mais intensa capacidade de análise crítica conquistadas como consequência de experiências vividas ao longo do percurso existencial do homem. De cada uma dessas experiências, extraímos aprendizagens facilitadoras para o alcance do objetivo último do humano que, segundo os teóricos do Humanismo, é a sua auto-realização ou o uso pleno de suas potencialidades e capacidades.

Enfim, o homem se desenvolve e esse fenômeno pode ser validado quer através de nossas observações diárias, quer cientificamente.

Ora, se o homem se desenvolve e os educadores desejam que isso se realize, por que são eles considerados ingênuos?

Para que se dê o desenvolvimento, condições são necessárias. Assim é que, entre outras, biologicamente precisamos de salubridade, alimento; intelectualmente, precisamos de oportunidades de exercício e de interações; e emocionalmente, a riqueza de nossas vivências e o nível de abertura individual e social determinarão oportunidades proporcionais de crescimento pessoal. Os educadores sabem disso e não é, ainda, aí que se encontra a justificativa para a sua ingenuidade.

Essas condições são, entretanto, oferecidas, concedidas ou permitidas. Pessoas envolvidas nesse processo terão que oferecer, conceder ou permitir, para que se dê o desenvolvimento pleno do nosso educando. E temos aí evidentes relações de poder.

A falta de malícia está, então, em ignorar que o desenvolvimento de pessoas comporta relações de poder?

Eureca! Descoberta! Uma guinada nas perspectivas da educação: para conseguir o que queremos, temos que estar atentos às relações de poder. Precisamos ter uma ação política. E, por incrível que pareça, ainda assim cometemos o erro da ingenuidade, deixamos de perceber os níveis de relação envolvidas e de avaliar nossas capacidades de intervenção — em dados momentos superestimamos, e noutros, subestimamos nossa potência.

Superestimamos quando, quixotesca, desconhecendo as intrincadas sutilezas do poder, nos lançamos a tudo mudar, a partir de nossa ação particular e fragmentada. Embora esta proposta tenha sido bastante explorada e divulgada nos discursos educacionais, quando levada para o campo das realizações, registram-se os insucessos decorrentes do desconhecimento ao qual nos referimos.

Subestimamos quando deixamos de considerar os níveis de relações mais próximos nos quais temos, verdadeiramente, possibilidades de oportunizar mudanças, crescimento pessoal e social.

Deixamos de ver nossas relações com nós mesmos, deixamos de avaliar:

. o quanto estamos nos permitindo ou impedindo de crescer como pessoas;

. o quanto concedemos ou negamos aos nossos educandos oportunidades de desenvolvimento;

. o quanto somos arbitrários na negação do outro;

. o quanto nos omitimos em facilitar e clarificar experiências e trocas possíveis, dentro do nosso raio de ação;

. e quanto nos esquecemos de que educamos pessoas que exercem e exercerão poder em diferentes níveis e que precisam ser conscientes em suas decisões.

Com certeza, essa não é uma resposta final para que as pessoas se desenvolvam e sejam independentes. Em vários níveis de relações se fará presente a sensação de impotência, mas teremos pelo menos a satisfação de termos exercido o poder dentro dos níveis que nos eram próprios e de não termos contribuído para a estagnação de pessoas que potencialmente podem se desenvolver.

Continuemos fieis aos objetivos da educação — não são eles que nos fazem ingênuos. Atentemos para as relações de poder, para a necessidade de uma ação política e para a identificação dos níveis de relações implicadas em nossas ações. E não nos esqueçamos de que a primeira interação política nós desenvolvemos com nós mesmos.

Natural de Campos Novos (SC),

Lucila Rupp de Magalhães é Diretora e Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

Termos do Livro de Tombo (XVII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Ano de 1948

(1) Provisões e faculdades ao vigário e coadjutores, em 28.02

(2) Provisões para as capelas e de confessor ordinário e extraordinário das Irmãs, em 28.02.

(3) Faculdades em favor de Fr. Elias para absolver censuras do Cânon 2.319, em 26.03.

(4) Falecimento de Fr. João Reinert, em 22.04.

(5) Falecimento do Pe. Alberto Kolb, em 24.04.

(6) Comemoração do Divino Espírito Santo, em 16.05.

(7) Peregrinação ao Congresso de Porto Alegre, em 27.10.

(8) Festas de Cristo Rei no bairro da Velha e de Natal.

(9) Movimento religioso de 1948.

Batizados (1.043), casamentos (231), confissões (28.600), comunhões (88.000), 1^{as}. comunhões (551), viáticos (254), visitas (82).

Ans de 1949

(1) Celebração da 1^a. Eucaristia de 138 crianças na matriz, em 02.01.

(2) Coleta para o Seminário de Ribeirão Grande, de 09 a 15.01.

(3) Provisões e faculdades ao vigário e coadjutores, em 28.02.

(4) Pedido de bênção para a capela do ginásio Sagrada Família, em 02.04.

(5) Nomeação de confessor ordinário para as Irmãs da Divina Providência, em 02.04. e na mesma data para o confessor extraordinário das Irmãs Franciscanas de Gaspar.

(6) Pedido ao Sr. Bispo conce-

der licença para a celebração de missas em quarto de hospital, em 28.01. Resposta positiva em 02.04.

(7) Carta de D. Pio a Fr. Joaquim Orth para que atenda a paróquia de Indaial que vagou, em ... 06.05.

(8) Nomeação de confessor extraordinário para as Irmãs da Divina Providência, em 25.08.

(9) Nomeação de confessor extraordinário para as Irmãs Franciscanas do Hospital Santo Antônio, em 07.06.

(10) Licença do Sr. Bispo ao vigário para absolver caso reservado, em 15.12.

(11) Movimento religioso de 1949:

Batizados (1.032), casamentos (275), confissões (27.400), comunhões (82.000), 1^{as}. comunhões (745), visitas (230).

Ano de 1950

(1) Diversos avisos de Dom Pio, em 06.01.

(2) Provisões e faculdades ao vigário e coadjutores, em 28.02.

(3) Termo da visita pastoral de Dom Inácio de Ribeirão Preto, bispo coadjutor à paróquia de Blumenau, de 15 a 26.04.

(4) Ereção de Via Sacra na capela das Irmãs do colégio Santo Antônio, em 10.05.

(5) Solicitação da superiora das Irmãs ao Sr. Bispo pedindo para ter o SS. Sacramento, em 16.10. Concedida em 24.10.

(6) Aprovação da fórmula de Profissão de Fé pelo Sr. Bispo, em 20.12.

(7) Carta de D. Pio aos vigá-

rios sobre a instituição do dia do Seminário, em 25.08.

Crônica de 1950:

(8) Visita pastoral de D. Inácio, bispo coadjutor de Joinville, de 15 a 26.04.

(9) Congresso Mariano na paróquia, de 13 a 16.07.

(10) Missa campal nos festejos do 1º. Centenário de fundação de Blumenau, em 02.09.

(11) Movimento religioso de 1950:

Batizados (1.203), casamentos (264), confissões (55.000), comunhões (101.000), 1ªs. comunhões (863), enterros (126).

Ano de 1951

(1) Renovação de Provisão e faculdades em favor do vigário, em 28.02.

(2) Renovação de Provisão e faculdades em favor dos coadjutores, em 28.02.

(3) Provisões para as 8 capelas da paróquia, em 28.02.

(4) Nomeação dos Conselhos de Fábrica, em 28.02.

(5) Nomeação dos confessores ordinário e extraordinário das Irmãs Franciscanas e da Divina Providência, em 16.03.

(6) Carta de D. Pio sobre a nova lei do jejum, em 12.03.

(7) Circular de D. Pio sobre a Indulgência do Jubileu de 1951, em 12.03.

(8) Aviso de D. Pio sobre a Imperata, em 10.07.

(9) Termo sobre o frigorífico existente no prédio da Mitra na rua XV, em 10.07.

(10) Aviso aos vigários para que durante 2 meses façam preces «ad pelendam pluviam», em virtude da prolongada estiagem, em 10.08.

(11) Nota sobre a nova lei do jejum (sem data).

(12) Falecimento de Fr. Nicodemus Blume, em 17.09.

(13) Movimento religioso de 1951:

Batizados (1.264), casamentos (289), confissões (59.000), comunhões (116.300), 1ªs. comunhões .. (850), óbitos (148).

Ano de 1952

(1) Provisão ao novo vigário Fr. Brás Reuter, em 11.02.

2) Faculdades ao novo vigário, em 11.02.

(3) Provisões em favor dos coadjutores, em 11.02.

(4) Faculdades em favor dos 6 coadjutores, em 11.02.

(5) Direito para a celebração da nova liturgia do Sábado Santo, em 16.03.

(6) Resposta do vigário sobre a impossibilidade da vinda da imagem de N.S. de Fátima em determinado dia.

(7) Resposta de D. Pio sobre a Imperata prescrita na diocese: «De spiritu sancto», em 08.08.

(8) Novo cartaz para as coletas, em 02.08.

(9) Novas instruções de D. Pio ao vigário sobre os casamentos mistos, em 16.08.

(10) Faculdades para absolver censuras incorridas, em 16.08.

(11) Ata de posse de Fr. Brás Reuter, em 02.03.

Crônica de 1952:

(12) Transferência de Fr. Joaquim Orth (sem data).

(13) Reiniciados os trabalhos do arrasamento do morro do cemitério para a construção da nova matriz, em 03.03.

(14) Construção de nova porta na matriz, em 02.04.

(15) Compra de novo veículo para a paróquia, em 02.04.

(16) Celebração do Sábado Santo com nova liturgia.

(17) Novo horário de missas na matriz, em 20.04.

(18) Celebração na matriz da novena de S. Antônio e Via Sacra (6^{as}, feiras).

(19) Contratação de novo sacristão para a matriz, em 20.05.

(20) Comemoração dos 75 anos do Colégio S. Antônio, de 03 a 05.10.

(21) Festa de Cristo Rei em prol da construção da nova matriz.

(22) Nomeação da comissão pró construção da nova matriz, em 26.10.

(23) Reintrodução da missa alemã na paróquia, com permissão de D. Pio, em 25.12.

(24) Movimento religioso de 1952:

Batizados (1.296), casamentos (270), comunhões (119.000), enterros (169).

Ano de 1953

(1) Provisão e faculdades em favor de Fr. Bráz, em 28.02.

(2) Provisões aos coadjutores, em 28.02.

(3) Faculdades em favor dos coadjutores, em 28.02.

(4) Provisões para as capelas da paróquia, em 28.02.

(5) Nova tabela de emolumentos, em 04.04.

(6) Convite para a chegada da imagem de N. S. de Fátima, em Joinville, em 16.06.

(7) Presença do cônego Lauro Fraga no convento, em 18.08.

(8) Te Deum na matriz no Dia Internacional de Ação de Graças, em 26.11.

(9) Convite de D. Pio para a reunião do clero.

(10) Circular sobre o Congresso Mariano em Joinville, em 25.12.

Crônica de 1953

(11) Celebração da 1^a. Eucaristia de 106 crianças na matriz,

em 04.01.

(12) Introdução das contribuições familiares mensais em prol da construção da nova matriz.

(13) Chegada de Gottfried Poehm de Colônia para «in loco» idealizar a planta da nova matriz, em 19.01.

(14) Aprovação da planta da nova matriz, por D. Pio (sem data).

(15) Término dos trabalhos de arrasamento do morro do cemitério, em 16.02.

(16) Aprovação da planta pela comissão, em 17.02.

(17) Concerto de Verônica Liszt na matriz, em prol da nova construção.

(18) Celebração das comunhões pascaís na matriz.

(19) Mensagem do vigário a respeito da planta (em estilo moderno) da nova matriz, devido às críticas quanto à construção.

(20) Bênção do terreno da nova matriz, em 22.04. São responsáveis pela construção da obra o engenheiro Franz Hroze e o construtor Augusto Kcester.

(21) Lançamento da pedra fundamental da matriz, em 24.05.

(22) Visita da imagem de N.S. de Fátima na paróquia, em 04.06.

(23) Chegada do novo bispo auxiliar de Joinville, Dom Inácio Krause, em 12.09.

(24) Aprovação da planta da nova escola de São José no Garcia, em 17.09.

(25) Criação de uma comissão pró construção da Igreja na Itou-pava Norte, em 11.10.

(26) Circulação do jornal Luzeiro Mariano e festa de N. Senhora, em 15.11.

(27) Movimento religioso de 1953:

Batizados (1.382), casamentos (306), comunhões (132.200), enterros (125).

O dualismo teuto-brasileiro na literatura

— POETAS “ALEMÃES - CATARINENSES” — VALE DO ITAJAÍ

Prof. Valburga Huber — UFRJ

O dualismo é o motivo maior das poesias líricas do Vale do Itajaí, onde os sentimentos como saudade, nostalgia, tristeza, frustração, esperança, entusiasmo, felicidade e júbilo se expressam com maior sensibilidade. A imigração, com seu dualismo imanente determina o conteúdo e a forma desta criação literária.

A poesia lírica, cuja essência é a recordação, dá as melhores roupagens à sensibilidade peculiar do imigrante. A lírica é o gênero compartilhado pelos que se encontram na mesma “disposição anímica” (como diz E. Staiger no seu livro **Conceitos Fundamentais da Poética**, p. 51) e foi ela que mais identificou o imigrante escritor com o imigrante leitor. Na recordação, o passado não está longe nem terminou, mas é um tesouro. O “intimo” é algo recordado, passado ou ainda futuro e é ele que melhor expressou o dilema do imigrante: a oscilação interior entre a saudade (passado) e a esperança (futuro).

Nos versos líricos, a unidade entre a significação das palavras e sua musicalidade determina seu valor e é aí que a tradução dos mesmos encontra grande barreira. Traduzi-los pode significar empobrecê-los ou mesmo destitui-los de sentido. Levando em conta este fator, apenas usamos ilustrações de poemas líricos em alemão, com elucidação do assunto dos mesmos.

A profundidade afetiva desses poemas é melhor captada pelos leitores imigrantes não só pela comunhão da experiência da emigração e ajustamento na nova terra, mas também por ter a poesia, um valor inigualável para o povo da mesma etnia e língua do poeta.

Já os títulos das poesias revelam o dualismo, a dor, a separação e a dificuldade de adaptação. Senão, vejamos alguns exemplos de poetas do Vale do Itajaí ou regiões vizinhas. De Victor Schleiff: “Alte und neue Heimat” (Velha e nova pátria); «Heimweh» (saudade); «Die ersten Einwanderer» (Os primeiros imigrantes); “Reminescere” (Recordar). De Georg Knoll: “Erinnerung” (Recordação); “Teuto-Brasilianer» (O Teuto-brasileiro); «Blumenau» De Rudolf Damm: «Die Pioniere” (Os Pioneiros); “Mein Vaterhaus” (Minha Casa Paterna). De E. Niemeyer: “An den Deutschen in der Fremde” (Aos alemães em terra estranha).

Estas poesias frisam a importância da língua materna e da etnia, o que transparece também nos títulos das mesmas (coletadas do “Kalender für die Deutschen in Brasilien); “Wert der Muttersprache” (Valor da língua materna); “Die Muttersprache” (A língua Materna); “Deutsh sein” (Ser alemão) e “Sprich Deutsch” (Falem Alemão).

Não só a lírica teuto-brasileira de Santa Catarina mas também a literatura teuto-brasileira neste estado como um todo (incluindo

a região de Joinville e S. Bento) bem como as traduções de autores brasileiros, sobretudo românticos, para o alemão, são áreas a serem estudadas.

Sabemos que a poesia é veículo de sentimentos e emoções. Daí ser tão difícil “sentir” e ter acesso à poesia estrangeira. Para T. S. Eliot, nenhuma arte é tão obstinadamente nacional como ela. Um povo pode ser sua língua extirpada e ser obrigado a usar uma outra nas escolas, mas a não ser que se ensine este povo a sentir na nova língua, não se conseguirá extirpar a antiga, e ela reaparecerá na poesia que é o veículo do sentimento. As emoções então, expressam-se melhor na língua comum do povo, ou seja, a língua comum a todas as classes. A estrutura, o ritmo, o som, a melódia de uma língua expressam a personalidade do povo que a fala. A sobrevivência da poesia alemã no Brasil — mesmo depois do período da “nacionalização” — deve-se a esta qualidade intrínseca da poesia de expressar sentimentos e emoções de um povo.

Victor Schleich mostra no seu poema “Alte und neue Heimat” a natureza das duas terras em contraste. Traça um paralelo entre as duas pátrias, ressaltando suas grandezas e limitações. A Alemanha, pequena em extensão, mas rica em história e o Brasil, uma imensidão selvagem, rica e exuberante por natureza — rios gigantescos, flora e fauna, praias primorosas, riquezas minerais — a ser transformada por mão laboriosa. O trabalho é o elo entre as duas terras pois a nova pátria recebeu da antiga força, vida, vigor. É uma terra selvagem, esbanjando dádivas, a ser transformada em paraíso. Os laços com a pátria de origem são fortes e profundos e assim as duas terras compartilham também dos mesmos sofrimentos e mágoas, pois somos “um pedaço do seu coração”, ele diz no poema. Ressalta também o valor da fidelidade étnica, bem supremo que embasa a confiança que a nova pátria pode ter em quem não trai seu país de origem. Termina com uma mensagem de esperança no restabelecimento da pátria e do espírito alemão.

Mostra, na estrofe a seguir, como a velha pátria deu à nova seu sangue, sua força, para transformá-la num paraíso:

Die alte Heimat gab der neuen
Das, was ein Land macht gross und stark,
Gab ihr von ihrem Blut, dem treuen,
Von ihrer Stärke, ihrem Mark.
Wir schufen hier mit schwielgen Händen
Die Wildnis um zu Paradies,
Und überall, an allen Enden
Grüsst deutsche Arbeit, deutscher Fleiss

Apesar da beleza e majestade da nova terra, sua pujança e prosperidade, o coração imigrante está preso à velha pátria e sofre por ela:

O Land der Väter! Heut zerschunden,
So vielgeschmäht und vielgehasst!
Ist Vaterland, aus tausend Wunden
Verblutend du, dein Stern erblasst?
O, deine Leiden, deine Schmerzen,
Selbst einen uns mit dir zum Bund.
Wir sind ein Stück von deinem Herzen,
Wir grüssen Dich mit Herz und Mund.

A fidelidade à velha pátria é prova de que a nova também pode confiar no imigrante, ou seja, as duas pátrias são colocadas no mesmo nível, quanto à fidelidade, mas o amor à primeira salta aos olhos e ouvidos:

Wer seinem Volke hält die Treue,
wer seinem Volke hält die Treue,
Die Treue hält in Leid und Not,
Dem kann das Vaterland, das Neue,
Vertrauen auch bis in den Tod.
So haltet fest am deutschen Wesen,
Ob man mit Schimpf euch überfällt!
Der Dichter spricht: Es wird genesen
An deutschem Wesen doch die Welt.

Ainda de Victor Schleiff, a poesia "Die ersten Einwanderer" é canto da odisséia da emigração e chegada à nova terra. O sonho de uma Cannã, acalentado durante a dura viagem, é desfeito pela realidade da floresta virgem, selvagem, onde, ao lado das dávidas naturais, há também perigos e doenças. Todo um mundo selvagem a ser transformado. A realidade faz surgir a saudade do que ficou para trás mas, agora, são inúteis as queixas, urge trabalhar, derrubar a mata, abrir clareiras na floresta e, pelo trabalho de velhos, jovens, meninos e mulheres, transformar esta terra num Éden.

O poema é também uma exortação aos jovens para que sejam, pela força do seu espírito e do seu trabalho, dignos dos seus ancestrais e construam coisas grandiosas, e que consigam realizar o que não foi possível à geração dos seus pais.

A fé no futuro, a esperança de uma nova vida, são a essência deste poema:

Sei, neue Heimat, von Frau und Mann,
Du Land unsrer Hoffnung, gegrüsst,
Uns Wüstenwandlern ein Kanaan
Drin Milch nud Honig fliesst!
Und es grüsset des Mais, und es spriesset die Saat,
Und die Frucht lacht golden am Baum
Und freundliche Hütten umsäumen den Pfad,
Und Kinder beleben den Raum.

O poema "Blumenau" é uma apologia da "filosofia do trabalho, um hino de louvor à cidade que, com seus jardins floridos, rios e palmeiras, é uma ilha de casas alegres e aconchegantes. O poeta lembra que, aos que vêem esta bela imagem, não ocorre o trabalho árduo de heróis anônimos que a construíram, transformando a mata-virgem e pântanos inóspitos num pequeno paraíso. Ele celebra o centenário da cidade como sinônimo de suor, sangue, luta e trabalho duro:

Und wenn wir heute sinnend rückwärts schauen,
Wenn Blumenau der hundert Jahr gedenkt,
So sagt mit Stolz: Uns wurde nichts geschenckt!
Es war ein hartes Kämpfen, mühsam Bauen!
Die Erde ward mit blut gem Schweiss getränkt.

A essência do poema "Das Grab im Urwald" é a saudade. Belo poema onde o poeta, diante de um túmulo na floresta, indaga o que teria trazido para cá o filho do Norte: teria sido a pátria pequena demais para ele? quem o teria expulsado? procurava aqui a felicidade que lá lhe foi negada? Se aqui se sente enganado, não foi pela terra, mas por seu sonho, um sonho que ele acalentou idealisticamente. Aqui descansa agora seu corpo, mas a alma voou, pelas asas da saudade, de volta para casa, pois só lá encontra a paz. Emigrara, pois, seu corpo, mas não seu espírito, que a saudade manteve presa às suas raízes. Isto transparece em todo o poema, como vemos:

DAS GRAB IM URWALD!

Wie liegst du nack und kahl da, brauner Hügel!
Wie lieblos deckst du zu den Erdensohn!
Es rauscht der Urwald, und er schwingt die Flügel
Und singt ein rauhes Lied voll Hass und Hohn:

Was suchtest du, o Fremdling aus dem Norden
Hier in des fremden Landes Fieberglast?
War dir die Heimat eng und Feind geworden?
Stiess sie dich aus wie eine böse Last?

Erloschen drüben dir des Glückes Sterne?
Verschloss der Liebe drüben sich dein Ohr?
Und suchtest du in wilder weiter Ferne
Das Glück, das dort dich hämisch floh, o Tor?

Wie bald, so jämmerlich genarrt, betrogen
Hast du dich hier gefühlt im fremden Raum
O Narr, die Fremde hat dich nicht belogen
Belogen hat dich nur der eigne Traum.

Es gab dir keine, keine Ruhestätte
Dir Heimatlosen dieses fremde Land.
Es schloss auf deinem letzten, letzten Bette
Dir lind die Augen keine liebe Hand.

Nun schläft der Leib hier in des Waldes Fülle:
Doch deine Seele fand hier Ruh
Sie floh, da sie zersprengt die irdische Hülle
(Ilegível) ihrer Heimat zu.

Saudoso também é o tom da poesia de Georg Knoll. No seu poema "Erinnerung", ele volta mentalmente ao país de origem: ao contemplar as belezas da terra brasileira, a gente enche-se de recordações do passado: a casa, a escola e a terra natal, fazendo-o esquecer os laços com a nova terra:

Da fast es mich mit einem tiefen Weh,
Mit tränumflorten Blick das Bild ich seh,
Vergessend Zeit, Raum, und Familienband
Mein Herz, es kehrt zurück ins Vaterland.

Poema "Heimweh", de Victor Schleiff, contrapõe saudade e esperança de um modo sensível e significativo:

Die Fremde: Ah! — gar mancher Traum verschwand.
Das Leben packt uns hart, die Hoffnung trog
Fremd blieben wir — wie fremd im fremden Land.
Und sehne oft der Sinn hinüber flog

Na poesia "Teuto-Brasilianer", por sua vez, o mesmo poeta conclama o imigrante a orgulhar-se de seu sangue alemão.

É um poema de exortação a manter vivo o orgulho étnico (mesmo ao ser tratado como estranho e criticado) e a consciência do próprio valor e do objetivo que trouxe o imigrante à nova terra. Este objetivo é trabalhar, construir, visando, sempre, ao bem da nova pátria. Mesmo odiado ou perseguido, deve ter consciência de que não está abandonado:

Was ich zu tun hab, kann ich gut,
Ihr Kritiker seid Mahner,
Ich bin in meinem Fleisch und Blut
Ein Teuto-brasilianer.
Ihr hasst das fremde Angesicht,
Doch Gott verlässt den Deutschen nicht!

De Rudolf Damm, o poema de louvor e saudade da Alemanha "Deutsche Worte, deutsche Weisen", é uma evocação onde palavras e melodias alemãs trazem lembranças da velha pátria e a saudade inunda o espírito. O poeta sente no canto melodioso um consolo pois agora, longe, revaloriza a grandeza do espírito alemão:

Deutsche Worte, deutsche Weisen
Dringen lockend mir ins Herz,
Wecken um die längst entschwundne
Heimat neuen Sehnsuchtsschmerz,
Und ich lausche feuchten Auges
Und mein Geist zieht treimatwärts:
Deutsche Worte, deutsche Weisen
Dringen lockend mir ins Herz!

Dele também a poesia "Mein Vaterhaus", louva a nova pátria e suas dádivas. O poema glorifica a nova terra e suas dádivas: a beleza luxuriante da mata virgem, das plantas e frutos, da flora e fauna exuberantes que o trabalho e o suor transformaram na nova pátria. A casa paterna é o lugar de repouso, que em nenhum outro lugar é tão belo e reconfortante como aqui. A nova pátria identifica-se aqui com a casa paterna, onde o imigrante está em casa e feliz, pois é seu lar:

Hier fand des Nordens blonder Sohn
Ein nues Heim auf grüner Flur.
Hier spendet ihm verdienten Lohn
Die ewig schaffende Natur.
Und wie einem Blütenstrauss
Versteckt liegt hier mein Vaterhaus.

Cutro campo onde florescem com abundância todos esses temas é o do canto, área a ser pesquisada mais detalhadamente. Intensamente cultivado pelos alemães e seus descendentes, ele expressa a mesma carga emocional da poesia e ambos transmitem sentimentos de geração a geração, sobretudo o amor à pátria que ficou atrás e o "pathos" da separação.

*

Obs — Este artigo é parte da Dissertação: "SAUDADE e ESPERANÇA — O Dualismo do Imigrante alemão refletido em sua Literatura".

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA

José Gonçalves

Do sr. Siegfried Carlos Wahle, blumenauense residente hoje em São José do Rio Preto, São Paulo e assinante desta revista há anos, recebemos uma carta através da qual faz alguns reparos nos detalhes contidos na narrativa que nos fez o sr. Erich Baumgarten ao completar seus noventa anos de idade.

A referida carta acabou despertando em nós mesmos o desejo de acrescentar ainda mais algumas informações à respeito do antigo Hotel Central, mais tarde Hotel Brasil. Mas, vamos ao teor da carta do nosso caro amigo e assinante Siegfried Carlos Wahle:

«Assunto: ERICH BAUMGARTEN. — Prezado Sr. Gonçalves. — Com muito interesse li a entrevista concedida pelo sr. Erich Baumgarten, abrangendo cerca de 80 anos de vida blumenauense, no Tomo XXI, nº. 8, de agosto de 1990.

Estas entrevistas são muito ricas em detalhes e, contribuem muito naquilo que Blumenau realmente era.

Entretanto, gostaria de ponderar dois pontos que exerceram especial atenção de minha parte.

Deve haver um pequeno equívoco ao mencionar o Hotel Central, Coluna 2, página 176. O Hotel Central passou a chamar-se Hotel Brasil em 1937, ocasião em que o mesmo passou a ser administrado pelo Sr. Erwin Ruehle, que o alugara através do Dr. Freitas Melro, procurador da proprietária. Este hotel nunca fora administrado pelo

sr. Otto Wille. Apenas a esposa dele chegou a ajudar por pouco mais de um mês, em fins de 1943, ocasião em que foi vendido ao sr. Saul Duque, então gerente da telefônica em Blumenau.

Gostaria de acrescentar algo quando é mencionado o nome da GEOBRA, Coluna 2, página 180. A GEOBRA era uma subsidiária da construtora alemã Phillip Hozmann S. G., na época, dirigida no Brasil pelo Dr. Heinrich Schloemann, tendo como engenheiro chefe o Dr. Leyen, que mais tarde passou a residir em Blumenau. O chefe do escritório da GEOBRA em Blumenau, na ocasião, era o Sr. João da Nóbrega, mais tarde titular do Cartório Nóbrega. A passagem para pedestres, colocada mais tarde, obedeceu a um projeto da firma projetista alemã pois, não se pode acrescentar numa ponte, estrutura adicional, sem a aprovação do autor do projeto»...

Aproveitando as observações do sr. Wahle e já que o antigo Hotel Central está hoje em evidência com o empenho do prefeito municipal através da Comissão de Patrimônio Histórico da Prefeitura liderada pelo arquiteto Paulo Sutter em conseguir a sua preservação como patrimônio histórico, quero aqui fazer uma narrativa que vai também ao encontro histórico deste hotel que esperamos venha mesmo a ser salvo das ruínas para a qual está caminhando.

Residi em Blumenau, chegado

com minha família, procedente da localidade de Diamante, proximidades de Ilse, então distrito de Indaial, a partir de meados do ano de 1934. Logo que aqui cheguei, ainda menino de 14 anos, tendo meu pai falecido no começo do ano, empreguei-me como auxiliar de lixador, na firma de Leonard Schlossmancher, que era localizada onde hoje se encontra o prédio da esquina da rua 15 com a rua Nereu Ramos, no qual encontramos a Casa Meyer. Depois de seis meses de trabalho, consegui um serviço mais saudável. Trabalhar como servente e aprendiz de impressor na então Empresa Gráfica Nietzsche & Hoempke, hoje Imprensa Paranaense. Após pouco mais de um ano de trabalho, minha família transferiu-se para Joinville e eu a acompanhei, passando a trabalhar lá naquela cidade no jornal «A Notícia», como ajudante de impressor e mais tarde aprendiz de linotipista e, finalmente, linotipista. Isto por volta de 1936. Em 1943, já com 23 anos de idade, resolvi casar. E o casamento foi marcado para o dia 13 de novembro daquele ano. Falei com meu chefe o diretor-proprietário do jornal Aurino Soares para que me concedesse pelo menos 15 dias de férias em seguida ao meu casamento, o que me foi negado. É que Aurino Soares não costumava dar férias para ninguém e só o fazia quando era levado às barras do tribunal do trabalho. Pedi-lhe então que me concedesse 15 dias de licença sem vencimentos, com o que também não concordou. E exigiu que, naquele sábado do casamento, dia 13 de novembro, eu pagasse um companheiro meu para me substituir no horário noturno que era o que eu fazia naquela semana, para que eu pudesse estar

livre de trabalho no dia do meu casamento. Acertei com um companheiro para que ele fizesse o meu trabalho. Ele trabalhava durante o dia. E à noite, me substituiria, mediante pagamento antecipado, o que fiz.

Naquele sábado em que casei, o meu «amigo» contratado não compareceu, embora tivesse embolsado o dinheiro. Tomou um pique depois de sair do trabalho às 18 horas e naquela noite a máquina que ele deveria ocupar no meu lugar não trabalhou. E o jornal atrasou nada menos do que três horas. Perdeu a expedição e houve outros transtornos.

No dia 16 de novembro, terça-feira, quando retornei ao trabalho, havia uma comunicação da gerência a mim destinada de que eu havia sido suspenso por 15 dias do trabalho, sem vencimentos, como castigo por ter casado e por ter sido traído pelo meu «amigo». Retornei para casa conformado, pois eu havia solicitado 15 dias de licença sem vencimentos e, assim, dava no mesmo.

Poucos instantes após chegar em casa, eis que apareceu um mensageiro vindo da parte do sr. Aurino Soares, pedindo minha presença na gerência do jornal. Fui lá e havia um recado do Sr. Aurino Soares de que, por esta vez, ele perdoava, mas que em outra oportunidade, eu seria castigado com demissão. (Pelo visto, era só casar mais uma vez e eu estaria na rua da amargura).

Fiquei deveras magoado com a atitude do diretor. E, no sábado seguinte, após o trabalho, fui procurado pelo jornalista Heráclito Lobato, que exercia, na época, as funções de redator-chefe do jornal «A Nação», fundado por Honorato

Tomelin, em Blumenau, em 29 de maio do mesmo ano. Lobato trazia uma proposta de Tomelin para trabalhar com ele em Blumenau, oferecendo-me 600 (seiscentos) cruzeiros por mês. Na «A Notícia», o meu ordenado era, na ocasião, de 450 cruzeiros mensais.

Aceitei a proposta do Tomelin e na segunda-feira seguinte viajei para Blumenau, levando comigo minha esposa e apenas duas malas com roupas. Nada mais. Não pedi demissão ao Aurino e lá também ficou minha carteira profissional. A minha fuga foi a minha vingança pelas humilhações que havia sofrido no dia do meu casamento.

Chegando em Blumenau ao cair da noite de segunda-feira, dia 22 de novembro, após uma viagem de um dia pela «Catarinense» via Jaraguá, hospedei-me no antigo Hotel Strobel, localizado aonde hoje está a farmácia do SESI, à rua Ângelo Dias. No dia seguinte após o café, paguei o hotel e tomei um carro puxado a cavalo para transportar-me ao então Hotel situado na esquina da rua das **palmeiras** com a travessa Ceará. Era o antigo Hotel Central, que agora chamava-se Hotel Ruehle. Fui recebido por dona Wanda Wille, que parecia ser a administradora dos serviços internos e que dias após a conheci também como chefe do serviço culinário. Ao pagar a corrida do carro, restou-me no bolso uma moeda de quarenta centavos de cruzeiro, toda a minha fortuna na primeira semana de casado.

A nossa vivência no Hotel Ruehle, que era como todos o denominavam, porque o sr. Ruehle era o arrendatário, foi tranquila. Concordo com o sr. Siegfried Walle de que o sr. Otto Wille apenas

residia ali com a esposa e a filha Ilse mas que não administrava o hotel. Mas, dona Wanda, atendia a toda a organização interna. Era um serviço muito bom, excelente mesmo, em que os hóspedes — na maioria mensalistas, ficavam à vontade. Dona Wanda era uma excelente cozinheira. Eu passei a pagar por mês, de pensão, para mim e minha esposa, 400 cruzeiros, sobrando-me 200 cruzeiros mensais, com cuja renda conseguia adquirir o que me faltava para montar minha nova morada. Um par de bons sapatos custava apenas uns 2 cruzeiros (dois). Pagava-se por um bom traje masculino — paletó e calça — cerca de 12 a 15 cruzeiros. Assim, podia-se viver até certo ponto confortavelmente.

Conheci o Saul Duque e sua esposa dona Carlota e nos tornamos muito amigos. Residimos no hotel vários meses e soubemos, mais tarde, que Saul Duque havia acertado a aquisição ou arrendamento do hotel.

Além da hospedagem que havia no Hotel Ruehle, existia uma ampla sala que servia de restaurante. Ao cair das tardes, muitas pessoas da comunidade, compareciam ao hotel e reuniam-se naquela sala, para conversar e tomar a cerveja do dia. Eram reuniões agradáveis entre os amigos que lá se encontravam e que davam, ao hotel, um elevado conceito pela ordem, limpeza e fidalgo acolhimento aos frequentadores.

Hoje, o antigo Hotel Central, mais tarde Hotel Brasil, mais tarde Hotel Ruehle e, finalmente, denominado de Hotel Oliveira, apresenta apenas uma carcaça do que foi na realidade, pela beleza arquitetônica que o destacava naquela esquina. Ao falecer o seu último

arrendatário conhecido pelo cognome de «Pedro Linguíça», o que restava do esplendor antigo do hotel ficou abandonado e até foi alvo de um incêndio criminoso.

Por iniciativa, como já frisamos de quem deseja, com todo empenho, preservar pelo menos um pouco da memória arquitetônica da saudosa Blumenau do começo do século até os anos quarenta, o antigo prédio que está situado dentro da zona considerada de preservação histórica, deverá ser restaurado e assim poderá ornamentar novamente a paisagem naquela es-

quina e integrando-se à beleza das palmeiras da Alameda Duque de Caxias.

Para o autor deste cometário, a restauração do antigo hotel, será o ressurgimento e a permanente lembrança de um passado que marcou o início de nova e bela fase de uma vida hoje totalmente integrada a nossa comunidade e consciente de que precisamos preservar ou resgatar toda a memória histórica. E nos sentimos honrados, portanto, em pertencer à Comissão de Patrimônio Histórico, em tão boa hora criado pelo atual governo municipal.

FIGURA DO PASSADO

Prof. Hermann Suessegger

Conforme rápida notícia que divulgamos no número 8 desta revista, mês de agosto de 1990, faleceu, dia 17, daquele mês e ano na cidade de Weingarten, sul da Alemanha, região do Bodensee, o Prof. Hermann Suessegger, mais conhecido em Blumenau como Professor Germano.

O falecimento do saudoso mestre que, durante cerca de 17 anos lecionou no Colégio Santo Antônio, desta cidade, causou profunda consternação entre os numerosos amigos e admiradores que aqui deixou.

O Prof. Germano, que era alemão nato, veio para o Brasil ainda bem jovem, tendo se formado professor como integrante da ordem religiosa Irmãos Maristas.

Após haver se formado na instituição existente na cidade de Livramento, RS, veio para Blumenau, sendo contratado pelo Colégio Santo Antônio.

Leccionou naquele Colégio durante cerca de dezessete anos, ten-

do neste período instruído centenas de jovens que hoje constituem, sem dúvida, a liderança em todos os segmentos da comunidade do Vale do Itajaí.

Quantos seus ex-alunos que ao tomar conhecimento do falecimento ao antigo e benquisto professor terão recordado com admiração e respeito a figura simpática e afável do Prof. Germano.

Após retirar-se do Colégio Santo Antônio, o Prof. Germano transferiu-se para a cidade de Weingarten, aonde fixou residência e continuou sua atividade pedagógica. Há cerca de um ano ele aposentou-se. Mesmo trabalhando, nos vários anos que se seguiram à sua fixação em Weingarten, o Prof. Germano visitou diversas vezes Blumenau para rever seus amigos aqui deixados, tendo sido sempre um legítimo embaixador cultural entre Blumenau e Weingarten, cujo prefeito Rolf Gerich esteve com ele a Blumenau e ofereceu-nos uma bandeira de sua cidade, e que constituiu a pri-

meira das 36 bandeiras que esta Fundação possui das diversas principais cidades alemãs. Além do mais, o Prof. Germano propagou muito Blumenau e o Brasil na região do Bodensee, do que resultaram inúmeras visitas de pessoas de destaque daquela região à esta cidade.

A Fundação «Casa Dr. Blumenau», que sempre manteve estreitas relações com o extinto, também recebeu a colaboração de sua atividade cultural em seu benefício, tanto assim que foi através de seu trabalho que esta instituição recebeu auxílio financeiro da Prefeitura de Weingarten para a construção do prédio que hoje é ocupado pela Biblioteca «Dr. Fritz Mueller» e o Arquivo Histórico.

Foi também através do Prof. Germano que Blumenau conseguiu, para diversos setores o auxílio de 100 mil marcos, que foram distribuídos ao Serviço Social da Prefeitura de Blumenau, à Paróquia de São Paulo Apóstolo, à Comunidade Evangélica de Blumenau, além de outras doações em espécie, como remédios, objetos de arte e artesanato para serem vendidos, etc.

Por tudo isso, tornou-se o Prof. Germano Suessegger digno da admiração e estima da comunidade

blumenauense, razão pela qual, o seu falecimento calou profundamente no sentimento de todos os que o conheceram, pois ele foi, durante a maior parte de sua vida, um autêntico amigo de Blumenau e dos blumenauenses.

O Prof. Germano, pelo seu empenho em favor da amizade entre os povos, especialmente entre a Alemanha, Brasil e França, teve o reconhecimento do Governo da República Federal da Alemanha, que o agraciou com a Cruz de Mérito, há alguns anos atrás.

A notícia do falecimento do Prof. Germano foi comunicada, pelo Prefeito Rolf Gerih, de Weingarten, através de telegrama enviado no dia 17 daquele mês, ao Prefeito Victor Fernando Sasse. Este, então, respondeu ao telegrama, apresentando ao Prefeito e ao povo de Weingarten, em nome da comunidade blumenauense, sentidas condolências pelo falecimento daquele amigo da comunidade das duas cidades.

O sepultamento do saudoso mestre, que desapareceu aos 70 anos de idade, ocorreu no dia 21 de agosto de 1990, na cidade de Weingarten, depois de justas homenagens prestadas pela população daquela cidade alemã.

José Gonçalves

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Continuação do artigo publicado no «Kolonie-Zeitung» de 22 de abril de 1871.

Sambaquis !!

Alguns estudiosos são de opinião que devemos a sua existência a grandes inundações e a cataclismos da Terra. Assim também o escritor português, o Monge Madre de Deus que escreveu um livro sobre os sambaquis brasileiros, atribui a sua formação ao Dilúvio, e bem recen-

temente, o naturalista Agassiz, opinando sobre os sambaquis existentes à margem do Rio Amazonas, admite a possibilidade de terem sido originados por forças da natureza, e o cientista norte-americano, professor Hall, que acaba de pesquisar a formação geológica da província do Pará, opinou sobre a acumulação de espécies de conchas ainda existentes na correnteza, perto da cidade de Santarém, atribuindo a sua presença à mudança do leito do Rio Amazonas, responsável pela elevação sucessiva do solo, na era atual. Outros pesquisadores já são de opinião que os acúmulos de conchas sejam resultados dos hábitos de vida de povos muito primitivos, que se alimentavam somente de moluscos, consumindo-os em tamanha quantidade, que das cascas foram se formando com o tempo enormes montões. Baseiam-se eles na existência de acumulações semelhantes nas costas da Dinamarca, formadas de espinhas de peixe, ossos de animais e de outros restos de comida, provavelmente ocasionadas pelo homem, as quais ainda hoje são chamadas de «restos de cozinha». A observação do dr. Kotschy, feita durante a sua viagem pela Tartária, parece confirmar tais asseverações. Encontrou ele, naquela região, nas proximidades de todas as aldeias, montes mais ou menos elevados, alguns mesmo com duzentos pés de altura, descobrindo após minuciosas pesquisas, que os mesmos se formaram e ainda continuar aumentando, porque todos os habitantes do lugar depositavam o lixo e outros restos de cozinha num mesmo lugar, e assim, no correr dos séculos, dependendo da população existente se formaram aqueles montes de várias proporções. Basta citar um exemplo daqui mesmo: um brasileiro dos arredores conseguiu formar uma grande caieira juntando cuidadosamente todas as cascas, no mesmo lugar, dos moluscos consumidos em sua casa, no decorrer do tempo. Outro estudioso, viajando pelo Chile, chegou à conclusão de que os sambaquis resultam da ação humana, de maneira que acreditamos que os nossos tenham a mesma origem. O maior dos dois montes existentes à margem do Rio Velho, foi minuciosamente examinado pelo Conde Baril de la Hure, encontrando ele não apenas simples conchas mas também ossos de seres humanos, de quadrúpedes e de aves. As partes de caveiras encontradas apresentavam uma estranha espessura dos ossos e os dentes dos maxilares ainda estavam em perfeito estado. As ossadas dos animais eram de espécies ainda hoje existentes na floresta. Entre as diversas camadas superpostas de conchas, apareciam, freqüentemente, enormes manchas negras, que pareciam oriundas de cinzas, assim como também caroços sapecados de frutas silvestres.

Nas primeiras camadas do sambaqui a margem do Cachoeira, que atualmente está sendo explorado, encontrou-se um esqueleto perfeito de mulher. A parte posterior da cabeça era surpreendentemente grande e os dentes perfeitamente conservados. Foram ali também descobertos vários utensílios de pedra, algumas das pedras talhadas como formão, que, provavelmente, serviam para abrir as grande ostras, cujas cascas existiam naquele amontoado. Tais instrumentos de pedra com toda a certeza, não foram trazidas pela correnteza, pois as pedras sempre afundam.

(Continua)

CAFUNDÓ

Hermes Justino Patrianova

Mais um compromisso - o sexto,
Com **Blumenau em Cadernos**,
De escrever sobre Tupi,
Para os **Arquivos Modernos**
Da Biblioteca-Flor
Da **Casa do Fundador!**

Copiamos, hoje, do nosso Livro inédito — **TOPONIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA** — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que segue.

CAFUNDÓ

1 — Vila e Distrito pertencentes ao Município de Bueno Brandão, Estado de Minas Gerais, da Microrregião da Alta Mantiqueira.

2 — Serra do Estado de Goiás, localizada entre os Rios Trairas e Bagagem, Afluentes do Rio Maranhão (de Goiás-Maranhão), com Ponto culminante de 1.000 metros.

3 — Serra da Faixa Norte-Occidental do Estado de Minas Gerais, localizada no Município de São Romão, entre os Rios São Miguel e Urucúia; um Ramo do Maciço Central.

4 — **Potamografia**. Veja **Santo Antônio** — Rio do Estado da Bahia, também denominado **Cafundó**.

ORIGEM TUPI: CAFUNDÓ, corruptela da CAPUNDÓ. DE CAÁ = CA Mato, mata, floresta, árvores) + APUMI = PUMI PUN (Afundar, mergulhar, descender) + NDI = ND' (De, com) + Ó (Tapar, tapado, tapume, coberto, cobertura) = (TERRENO) AFUNDANTE COM COBERTA DE MATO = (LUGAR) Mergulhante com cobertura de mata = Valada descendente coberta de mato = Corrompido (por portu-

GUESES E BRASILEIROS) PARA CAFUNDÓ = CAPUNDÓ = CAFUNDÓ.

O Cafundó («Capundó») é uma Valada em declive com duas Encostas: um **brasileirismo** de origem Tupi.

«Para quem ambiciona o Poder, não existe ponto intermediário entre o cimo e o precipício».

(TÁCITO)»

«UM POUCO DA HISTÓRIA DE ITAJAÍ — Cidade com origens em imigrantes açorianos, Itajaí conserva ainda hoje traços culturais e sociais de seus primeiros habitantes. Mas a sua história vem de tempos remotos, quando as margens do rio eram cobertas por viçosas florestas, que colaboraram para o progresso da região através das madeiras de lei que daí eram retiradas e exportadas, como o cedro, canela e peroba.

A região foi povoada por Índios carijós e botocudos, daí o nome Itajaí, que em Tupi-guarani significa «Rio dos Taiás», alimento encontrado em abundância nas margens do Rio...» (Do Jornal «4ª. MAREJADA» — 11 a 21 de outubro/90).

ILUMINANDO — A Região foi povoada por Índios Carijós, que tinham sua **taba** em Indaiaí. Não havia Botocudos por aqui. O nome de Itajaí não deriva de taiá, erva arácea que veio das Antilhas depois da Descoberta do Brasil. Deriva, sim, daquele passarinho de pedra (Jaó), que a erosão descobriu na Ponta do Ataláia e que ali ainda se conserva, de Ataláia, **preservando o** nome da Ponta e o da Cidade — RIO DO JAÓ DE PEDRA = ITAJA(Ó) I = ITAJAÍ.

Na Bahia também existe Itajaí, mas também não existia taiá! Lá é Rio da Cabaça de Pedra = ITAIAÍ.

— O depoimento é importante forma de preservação e reconstituição de fatos históricos. Embora não seja dado a esse gênero de pesquisas, salvo uma ou outra exceção, tenho tomado sucessivos depoimentos da senhora Margarida Fagundes de Carvalho a respeito das coisas de minha terra natal, Campos Novos, sobre cujo passado é muito reduzido o material informativo existente. Nascida em 1916, ela passou a infância na fazenda paterna, no lugar chamado Rio São João, nas proximidades da então «Villa» de São João Batista dos Campos Novos.

Nessa fase da vida ela presenciou toda a turbulência que varria os Campos Gerais em virtude das tantas «revoluções» que explodiam no Rio Grande do Sul e cujos reflexos se abatiam sobre os catarinenses, moradores deste lado do Pelotas. Assim foi que ela testemunhou a chegada do chefe revolucionário gaúcho Luiz Fabrício na fazenda onde morava, pedindo para colocar o gado no potreiro, gado esse, com certeza, adquirido nas célebres «requisições» que eram postas em prática tanto pelos revoltosos como pelos legalistas. Ela relata também os tiroteios que punham em pânico os moradores da região, a quem os revoltosos pediam comida e dinheiro para a causa da sua «revolução». Os embates com as forças militares eram terríveis, as casas eram invadidas para servirem de trincheiras, as famílias tinham que fugir para as chácaras na periferia e a destruição era grande. Mesmo assim, recorda ela de episódios pitorescos e até engraçados.

Relata também como era a vida na cidade, com as festas de São João, o padroeiro, os passeios dos namorados em torno da pracinha, os bailes carnavalescos nos clubes rivais, o Democrata e o Repentino, em que aquele ganhava sempre em animação e fantasias e estes nos carros alegóricos. Entre eles se travava autêntica guerra, na qual não deixava de haver alguma política, e que começava desde os ensaios. Mas nenhum se entregava e a rivalidade se manteve acesa durante longos anos. Como dizia o versinho, «Repentino é de tino/ Nunca há de se curvar / Quem quiser ser Repentino/ Muita volta tem que dar...»

Muitas coisas curiosas estão nesses depoimentos. Espero um dia poder aproveitá-los integralmente.

— Estive pela terceira vez no Nordeste. Estive em Recife, Caruaru, Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e João Pessoa. De Caruaru em diante foi comigo o Prof. João Fernando Maciel, amigo de outros tempos, o que enriqueceu a viagem pelo muito que sabe de nordestinidades.

Em toda parte encontrei amigos antigos e fiz outros. Eu e meu incansável companheiro fomos tratados sempre com o maior carinho. Em Caruaru e Juazeiro, em instituições culturais, pude falar alguma coisa a respeito de minha obra e da cultura de nosso Estado. O Cariri e o misticismo que cerca o Padre Cícero são realidades impressionantes para o visitante, em especial para nós aqui do Sul. Uma viagem que valeu.

— O Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC promoveu o seminário «Sociedade e Literatura em Santa Catarina», coordenado pelo professor e poeta Alcides Buss. Foram abordados os temas «Sociedade e Modernismo — o Grupo Sul», «História e Ficção», «O Espaço Catarinense na Narrativa Ficcional», «Presença do Cotidiano — a Crônica» e «Linguagem e Poesia». Entre outros, participaram do evento Celestino Sachet, Lauro Junkes, Iaponan Soares, Tânia Regina de Oliveira Ramos, Antônio Hohlfeldt, Adolfo Boos Júnior, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Walmor Cardoso da Silva, Almiro Caldeira, Guido Wilmar Sassi, Raimundo Caruso, Urda Alice Klueger, Amílcar Neves, Harry Laus, Holdemar Menezes, Flávio José Cardozo, Jair Francisco Hamms, Sérgio da Costa Ramos, Silveira de Souza, Fábio Brüggemann, Hugo Mund Júnior, José Endoença Martins, Pinheiro Neto, Renato Tapado e a Turma de Experiência de Criação Literária. Embora convidado, não pude participar porque me encontrava no Nordeste.

Realizou-se em Chapecó o III Encontro Chapecoense de Escritores Catarinenses, coordenado pelo poeta Silvério da Costa. Os temas abordados foram «Imprensa Alternativa na Literatura», «Poesia Catarinense», «Literatura Catarinense», «Crítica Literária», «Importância do Esperanto na Literatura», «Literatura Infantil». Debates, mesa redonda, noite de autógrafos e uma peça de teatro complementaram o evento. Participaram os escritores Alzemiros Lídio Vieira, Maria de Lourdes Ramos Krieger, Mila Ramos, Nelci Mitmann, Pinheiro Neto e Alfredo Bays. Foi lançada também a coletânea «Enquanto Houver Voz, Cantaremos», volume 3 da antologia de autores de Chapecó.

Estão circulando três novos números do boletim «Galope Poético» — 29, 30 e 31, — editado pelo poeta joinvilense Jurandir Schmidt, local onde se encontram escritores e poetas de todo o país através de suas mensagens em prosa e verso. Schmidt é um batalhador incansável e o boletim que edita está se firmando em definitivo.

— A Editora Lunardelli deu a público os seguintes livros: «O Castelo de Frankenstein», Volume 2, de Salim Miguel; «A Tragédia do Caveiras», de Saulo Varella de Carvalho; «Militares e Civis num Governo sem Rumo», de Carlos Humberto Corrêa; «Falai Baixo», de A. Sanford de Vasconcellos e «Ensaio Sobre a Vida de Lindolfo Collor», de Licurgo Costa. Sobre alguns deles voltarei a falar.

— Faleceu repentinamente, causando geral consternação, o botânico e escritor Padre Raulino Reitz, de cuja amizade tive o prazer de privar e que recebi em minha casa não faz muito tempo. Seu livro «Alto Biguaçu — Narrativa Cultural Tetrarracial», publicado em 1989, foi objeto de longo comentário meu, nesta coluna. Também chamado de o «Padre das Bromélias», Raulino Reitz realizou uma obra científica admirada e proclamada no país e no exterior e que, segundo ele mesmo me afirmou, ainda estava longe de ser concluída. Quero associar aqui minha palavra de pesar às inúmeras manifestações já feitas pelo desaparecimento de tão representativa figura de nossa vida cultural.

— Como a poesia é indispensável, quero fechar este comentário

com um poema de meu amigo, colega de profissão e contemporâneo de Faculdade, Aldo Pedro Dittrich, combativo advogado de Canoinhas cujo veio poético jamais secou. Ei-lo:

A HUMANIDADE CAMINHA

Caminha a humanidade
Através dos tempos
Procurando levar o Homem.
No encontro do seu Destino
De Igualdade, Liberdade, Fraternidade,
Progresso e Paz,
Através de milhares de caminhos
Calcados em crenças, teorias, medo e terror.
Cada caminho é colocado
Como sendo o verdadeiro e único,
Porém, o rumo destes caminhos
Que se cruzam e se atritam
Levam o Homem para as mais crescentes decepções,
Na busca da felicidade
Que um dia almeja encontrar.
Enquanto o Homem procura a felicidade,
O Mundo vai evoluindo,
Evoluindo de forma desigual,
Onde as riquezas concentradas
Nas mãos das minorias
São frutos da fome, da miséria,
Da exploração e da ignorância
Das mais amplas maiorias
Dos povos de todo o mundo.
A Humanidade caminha e assim mesmo,
Os farsantes, a despeito das
Desigualdades sociais, políticas e econômicas,
Continuam, com toda a empáfia,
Própria dos ignorantes e dos pretenciosos,
A apregoar que o seu caminho
É o único capaz de levar
O Homem no encontro da felicidade.
Povos exploram povos,
Nações exploram nações,
Homens exploram homens,
Vozes se levantam e sempre se levantaram
Contra toda esta exploração.
O Mundo continua evoluindo,
A Humanidade caminha,
Caminha e continua a caminhar

Em busca de seu Destino
Que um dia encontrará
Daqui milhares de anos,
Quando em toda a Terra
Os países sem fronteiras,
Sem existir um único
explorado.
E sem existir um único
explorador
Encontrará a felicidade
Sempre almejado e enfim
CONQUISTA, PARA UM NOVO PORVIR.

Adenda à família Arzão

Antônio Roberto Nascimento

Em escrito anterior (A Descendência de Cornélio de Arzão em Santa Catarina, Blumenau em Cadernos XXXI: 11-12), cometemos alguns equívocos e deixamos de fora algumas informações importantes.

Assim é que Rosa do Nascimento, casada aos 25.4.1782, era filha de Luiz Vieira de Arzão e de Inácia Peres da Silva Pedrosa, e não filha do Alferes José Vieira de Arzão, como escrevêramos.

O Ajudante Lopes de Moura, acusado, em 1744, de homicídio «no caminho das minas do Itapocu» (LUIZ GUALBERTO, Fundação da Cidade de S. Francisco do Sul, Revista do I.H.G. de SC, vol. I, . . 1902, p. 69), parece ter sido o avô paterno de Joana Lopes de Moura, casada com Tomás Correia de Negreiros, filho de José Correia de Negreiros e de sua primeira mulher Joana Dias de Arzão, a filha de Mathias Dias de Arzão.

Uma Adriana Arzão de Jesus, filha de Antônio Veloso e de Rosa Maria de Jesus, foi casada com

Sebastião José Gonçalves, irmão de Bernardino de Sena, natural de S. Miguel da Terra Firme, ambos filhos de Leonardo Gonçalves Lamim, natural de Paranaguá, e de Domingas Rosa Correia, natural de S. Francisco. Dito Bernardino de Sena fora o primeiro marido de Esmênia Maria, filha de Caetano José Velho, juiz ordinário de S. Francisco em 1754 (COSTA PEREIRA, Hist. de S. Francisco do Sul, p. 114), e de Domingas Cardoso, «moradores do Rio de Itapicu» (sic). Essa Esmênia Maria do Rosário foi casada, em segundo leito, com Pedro Dias da Costa, filho de Salvador Dias da Costa e de Sebastiana Velosa.

João Dias de Arzão e Maria Francisca do Rosário tiveram a filha Antônia Dias, casada, por seu turno, com Manoel Martins, filho de Manoel Martins Barbosa e de Josefa da Conceição, naturais de S. Miguel e moradores na margem do Rio Itajaí, conforme batismo da filha Joana, aos 16.10.1814 e obituá-

rio de Manoel Martins Barbosa (Livro nº. 1 da Penha).

Matias da Costa, morador no Rio de Itajaí e filho de Salvador da Costa e de Apolônia Dias de Arzão, fora casado, em primeiras núpcias, com Antônia Álvares, morta aos .. 18.11.1794, com cerca de 22 anos.

Francisca Dias de Arzão foi casada com José Alves de Siqueira, com quem teve a filha Esmênia Alves, casada, aos 12.2.1813, com Jerônimo Martins, filho de José Martins, já falecido, e de Catarina Pereira (Livro n. 1 da Penha).

O referido José Antônio Nunes da Silva, natural de Paranaguá, filho de José Nunes e de Maria da Costa, primeiro marido de Floriana Rosa da Silva, a filha de Mathias Dias de Arzão, parece ter sido o Capitão José Nunes da Silva, comandante da 25ª. Companhia do Regimento de Milícias da Ilha de Santa Catarina, estacionada em Itapacoróia em 1798 (J. FERREIRA DA SILVA, Hist. do Município da Penha, p. 27, nota 4).

Joaquina Correia de Negreiros, ao que supomos (v. nosso estudo citado), e Manoel José Henriques ou Enriques, tiveram o filho Antônio José Henrique, casado, na sua vez, com Jacinta Rosa, filha de José Lopes de Chaves e de Ana de Moura de Oliveira, com quem teve o filho Salvador Henriques, natural de S. Miguel, casado, aos 30.8.1811 (Livro n. 1 da Penha), com Joana da Trindade, filha de José Silveira da Costa e de Nicácia de Quadros, esta filha do Alferes Xisto de Quadros de Araújo e de Ana da Silva.

Felícia Dias de Arzão, a filha de Salvador Dias de Arzão e de sua primeira mulher Teresa da Silva, morava no Sertão do Itapocu, onde foi casada com Joaquim Nogueira

Gonçalves, filho de Mathias Gonçalves Nogueira e de Maria Carvalho, conforme batismo do filho Severino, aos 15.11.1834 (Livro n. 2 da Penha).

Mathias da Costa (v. supra) e sua primeira mulher Antônia Alves da Rosa tiveram a filha Ana Alves da Rosa, casada, em 1809, com Justino José Pereira, filho de Leonardo Pereira e de Maria da Graça (Livro n. 1 da Penha).

Pedro Dias de Arzão e Maria de Miranda tiveram o filho José Pedro, casado, aos 11.11.1854 (Livro nº. 3 da Penha), com Rita Maria, natural da freguesia de N. S^a. da Conceição de Itajaí, filha de Claudino Machado e de Maria Rosa, então já falecida.

Victorino de Arzão foi casado com Florência Henriques, com quem teve a filha Cipriana Maria de Arzão, casada, aos 28.1.1856, com João Bento de Góis, filho de José Bento de Góis e de Luiza Maria, bem como o filho Manoel Victorino Dias, casado, aos 24.2.1858 (Livro n. 3 da Penha), com Mariana Rosa de Jesus, filha de Ana Rosa de Jesus. Esse Manoel Victorino Dias de Arzão morava na Barra Velha, consoante o batismo da filha Josefina, aos 05.12.1873) Livro n. 1 da Barra Velha). Também la morava o citado José Dias de Arzão, segundo o batismo do filho Luiz, aos 03.2.1873) (id. ib.). Uma Juliana de Arzão, natural da Barra Velha e batizada na Penha foi casada com João Peres, com quem teve a filha Luiza Peres, casada, de seu turno, com João Lourenço dos Santos, filho de Lourenço dos Santos e de Ana da Luz, em julho de 1873, sendo o casamento celebrado pelos padres missionários, «na capela provisória da Barra Velha». Um Floriano de Arzão e Florinda

Henriques de Jesus tiveram a filha Ana Florência de Arzão, casada, aos 30.7.1859, com Joaquim Gonçalves da Maia, viúvo de Ana Luiza (Livro n. 3 da Penha).

Uma Rosa Dias de Arzão, então já falecida, foi casada com Lourenço Caetano dos Santos, morador do Itapocu, com quem teve o filho Antônio Lourenço da Silva, casado, aos 03.11.1861 (Livro n. 3 da Penha), com Ana Amara, filha de Desidério João Martins e de Adriana Maria da Conceição.

A sobredita Francisca Dias de Arzão e José Alves de Siqueira tiveram o neto Cipriano Martins Correia, filho de Jerônimo Martins Correia (v. supra), casado, à sua vez, com Maurícia de Sousa Rosa, aos 04.9.1858 (Livro n. 3 cit.), filha de Ricardo de Sousa Sarmento e de Claudiana Rosa.

Um Manoel Cipriano Arzão, filho de Ana Florida, casou, aos 03.1.1874 (Livro n. 4 da Penha), com Inácia Emília de Oliveira, filha de José Machado Coelho e de Luciana Maria de Oliveira.

Vicente Dias de Arzão e Ana Rosa do Espírito Santo batizaram aos 17.4.1843 (Livro n. 9 de S. Francisco), a filha Lauriana, tendo por padrinhos Salvador Antônio Álvares e Maria Zuzarte de Freitas.

Albano Borges Pinheiro e Aguida Dias de Arzão, moradores do Acaraí, foram os pais de Maria Inácia da Conceição, casada, por seu turno, com Higino Pereira Alves, filho de Antônio Pereira Alves e de Bárbara Francisca da Graça, de acordo com o batismo do filho Agostinho, aos 14.6.1868, com seis meses (Livro n. 15 de S. Francisco).

Uma Margarida Dias de Arzão, aos 06.10.1855 (Livro n. 11 de S. Francisco), batizou a filha natural Izidra; com seis meses. Talvez fos-

se irmã de Benta Dias de Arzão, que batizou o filho natural Camilo aos 09.9.1851 (id. ib.).

A referida Felícia Dias de Arzão (v supra), filha de Pedro Dias de Arzão e de Teresa da Silva, casada com Joaquim Carvalho dos Santos ou Joaquim Gonçalves Nogueira, teve o filho José, batizado aos 10.8.1838, com um ano de idade, «por pobreza e pela longitude onde habitam» (Livro n. 8 de S. Francisco). Talvez fosse parente da Antônia de Arzão, casada com Manoel Antônio, com quem teve o filho João, batizado aos 13.4.1839 (id. ib.).

Um Salvador Dias de Arzão e sua mulher Ana batizaram, aos 07.6.1839 (Livro n. 9 de S. Francisco), o filho Antônio, tendo por padrinhos Joaquim Dias Ferreira e Joana Dias de Arzão.

O referido Vitoriano Dias de Arzão (v. supra) era filho de Salvador Dias de Arzão e de Ana Alves, tendo sido casado com Florinda Rosa, filha de Floriano Henriques e de Tomásia dos Santos, neta paterna de Manoel Enriques e de Joaquina Correia, e materna de Pedro dos Santos e de Francisca Ribeira, segundo o batismo do filho José, aos 20.3.1840 (Livro n. 9 cit.).

Um Francisco Dias de Arzão e sua mulher Polucena Maria batizaram, aos 08.2.1847 (Livro n. 10 de S. Francisco), a filha Teresa, com cinco meses.

Vicente Dias de Arzão e Ana Luiza Gomes da Conceição foram os pais de Damásio, batizado aos 22.11.1854 (Livro n. 12 de S. Francisco), bem como de Laurindo Dias de Arzão, casado, aos 19.10.1867 (Livro n. 8 de S. Francisco), com Perpétua Pereira da Conceição, filha de Antônio Alves Pereira e de

Bárbara Maria Francisca.

Manoel Dias de Arzão, filho de Daniel Dias de Arzão e de Francisca Maria da Motta, casou, aos ... 20.7.1878 (Livro n. 8 cit.), com Felisbina Maria das Neves, filha de Manoel Moreira da Veiga e de Senhorinha Maria da Conceição.

Antônia Dias de Arzão foi casada com Manoel Antônio de Jesus, com quem teve o filho Prudente Antônio de Jesus, casado, por sua vez, com Cândida Maria de Jesus, filha de Antônio de Góis e de Antônia Dias da Conceição, segundo o batismo do filho Honorato, aos 19.10 de 1862 (Livro n. 14 de S. Francisco). Outra Antônia de Arzão, solteira, filha natural de Vivência Dias de Arzão, faleceu aos ... 10.1.1813 (2º. livro de óbitos de S. Francisco).

Salvador Dias de Arzão, filho de José (ou João?) Dias de Arzão e de Maria, foi casado com Ana, filha de Domingos Luiz e de Maria Alves da Silva, conforme batismo da filha Efigênia, aos 16.12.1803 (2º. livro cit., batismo ali inserto).

Mathias Dias de Arzão e Ana (?) Rosa também tiveram a filha Maria Dias, casada, de seu turno, com Felipe Pereira, filho de Aniceto Pereira e de Ana Rosada, segundo o batismo do filho Jacinto, aos 08 de fevereiro de 1807 (2º. livro cit.).

Modesto Dias de Arzão, lavrador, e sua mulher Leopoldina Teresa da Conceição tiveram o filho Argeu, batizado aos 27.2.1885 (Livro n. 18 de S. Francisco). Talvez fosse parente de Francisco Dias de Arzão, casado com Cândida de Góis, com quem teve a filha Luzia Maria do Nascimento, que, aos ... 16.2.1872, batizou o filho natural Chripim (Livro n. 18 cit.).

Vicente Dias de Arzão Júnior,

que não usava o agnome, filho do sobredito Vicente Dias de Arzão e de Margarida de Arzão, neto paterno de Lourenço Dias e de Ângela Senhorinha, e materno de Salvador de Arzão e de Ana Alves de Jesus, foi casado com Ana Rosa da Conceição, conforme batismo do filho José, aos 07.8.1858, com quatro meses, e do filho João, aos ... 12.5.1845 (Livro n. 9 de S. Francisco).

Francisco Dias de Arzão e Policena Maria Jorge foram os pais de Modesto, batizado aos ... 07.10.1859. (Livro nº. 13 de S. Francisco), que deve ser o Modesto Dias de Arzão, acima referido. Esse casal também teve a filha Guilhermina, batizada aos ... 24.3.1861, com quatro meses. Pela mesma época, foi batizado Manoel, de três meses, filho natural de Luiza Maria de Góis, tendo por padrinhos Manoel Dias de Arzão e sua irmã Margarida Maria da Conceição, solteiros (Livro n. 13 cit.).

Simão Dias de Arzão e Lucinda Henriques dos Santos foram os pais de Rosa Lucinda dos Santos, casada, aos 08.5.1872 (Livro n. 1 do Parati), com Antônio Caetano dos Passos, filho de Salvador Lourenço dos Passos e de Maria Caetana.

José Firmiano Dias ou Ramos, o filho de Salvador Dias de Arzão, foi casado com Lucina Maria, filha de João Alves Cordeiro e de Maria Cardoso, com quem teve, dentre outros, a filha Luiza Maria, casada, à sua vez, no Parati, com Manoel Felipe de Moura, filho de Felipe Ribeiro de Moura e de Maria Dias. Um Antônio Firmiano Ramos, morador no Porto do Rei, filho de José Firmiano Ramos e de Benta Luiza, casou, aos 13.2.1886 (Livro n. 9 de S. Francisco), com Francisca Rosa da Silva, filha de Manoel

Antônio da Silva e de Gerealdina Joana Fagundes.

Salvador Dias de Arzão e Ana Antônia de Jesus tiveram a filha Catarina Maria, que, aos 26.12.1832 (Livro n. 8 de S. Francisco), batizou o filho natural Marcelino, nascido aos 08 daquele mês.

Já Pedro Dias, filho de Salvador Dias de Arzão e de Ana Alves, foi casado com Maria de Miranda, filha de José de Miranda e de Angela Teixeira, neta paterna de Francisco Gonçalves e de Ana de Mi-

randa, e materna de Manoel Nogueira e de Joana Teixeira, conforme batismo do filho Bibiano, aos 03.1.1833, nascido em 1º.11.1832 (Livro n. 8 cit.).

Domingas Maria Rosa, filha de Joaquim Gonçalves Nogueira e de Felícia Dias de Arzão, casou, aos 26.6.1859 (Livro n 7 de S. Francisco), com José Fernandes de Siqueira, viúvo de Marcelina de Jesus, filho de Antônio Fernandes de Siqueira e de Rosa Henriques.

Aconteceu...

Novembro de 1990

Dia 1º. — Chegou a Blumenau o Ministro da Educação, Carlos Chiarelli, cujo objetivo da viagem, foi a entrega de 67 milhões de cruzeiros para serem aplicados em melhorias gerais na Rede Municipal de Ensino.

* * *

DIA 1º. — O prefeito Victor Fernando Sasse sancionou a lei nº. 3.784, que denomina de «José Ferreira da Silva», a praça localizada ao lado da ponte do mesmo nome, final da rua República Argentina.

* * *

DIA 1º. — Em comemoração aos 90 anos de nascimento de Louis Armstrong o genial trompetista de projeção mundial, foi realizado, no auditório «Heins Geyer», do Teatro Carlos Gomes, o espetáculo denominado «Tributo a Louis Armstrong» pela orquestra Old Friends Jazz Band.

* * *

DIA 7 — No Bela Vista Country Club teve início o Torneio Inter-Clubes de Tênis, como preliminar para o Campeonato Brasileiro de Tênis, categoria 18 anos que teve início no dia 10.

* * *

DIA 7 — No gabinete do Prefeito Victor Fernando Sasse, o Superintendente Adjunto de Patrimônio da Rede Ferroviária Federal, fez entrega ao chefe do Executivo, das plantas com projeto estrutural da Ponte Ferroviária em reforma e da ponte de concreto que também serviu ao tráfego das composições que trafegavam entre Itajaí e Blumenau. Os referidos documentos foram, a seguir, entregues para guarda e catalogação, ao Arquivo Histórico da Fundação «Casa Dr. Blumenau».

* * *

DIA 8 — O Clube de Caça e Tiro Velha Central iniciou as festividades em comemoração à passagem dos seus noventa anos de fundação, cujo evento aconteceu no dia 1º. de maio. Naquele dia, há noventa anos, surgia este clube que é um dos mais destacados de Blumenau.

DIA 11 — Baseada em informações extra-oficiais, a imprensa local (JSC) noticia que em Santa Catarina existem 10 (dez) mil aidéticos.

* * *

DIA 13 — Foi aberto o Encontro Nacional de Radiodifusão, com o 17º. Congresso e que aconteceu paralelamente com o 10º. Seminário Técnico Nacional e a 13ª. Exposição de Equipamentos para Radiodifusão. A abertura solene dos eventos aconteceu no auditório do Teatro Carlos Gomes.

* * *

DIA 13 — Promovida pelo Centro Cultural Brasil-Alemanha, foi aberta, no Mausoléu Dr. Blumenau, uma exposição de cartazes sobre a vida e obra de Shopenhauer. O evento teve ainda o apoio do Instituto Hans Staden, de São Paulo.

* * *

DIA 9 — No Espaço de Arte Açu-Açu, realizou-se a abertura da exposição de obras do inspirado artista plástico Engenolf Theilacker, mostrando as obras de seus 18 anos de produção. Ao evento estiveram presentes numerosos convidados e apreciadores da bela arte.

* * *

DIA 16 — Os atiradores blumenauenses Azomar Krutsch e Wilson Scheidemantel foram os vencedores das provas de carabina a ar e pistola livre, do Campeonato Brasileiro de Tiro, realizado nos stands do Clube Blumenauense de Caça e Tiro.

* * *

DIA 16 — Promovido pelo Centro Cultural 25 de Julho, e em sua sede, realizou-se o espetáculo «Bunter Abend» (Noite Colorida), cujo belo espetáculo de arte e beleza teve a participação do Coral Misto, do Grupo de Teatro, Coral Masculino Liederkrantz, Grupos de Danças Folclóricas e Coral Juvenil.

* * *

DIA 19 — Numa iniciativa das mais oportunas, a Prefeitura de Blumenau, através da Secretaria de Educação, fez entrega, às 42 escolas da rede municipal de ensino, de bandeiras do Brasil, de Santa Catarina, e de Blumenau, assim como letras e fitas gravadas dos hinos oficiais que precisam ser cantados nas referidas escolas. Com esta medida que merece os aplausos gerais, visa, o município, aprimorar o espírito cívico da juventude blumenauense, exemplo do que, é esperado que também esteja acontecendo em outros municípios do nosso imenso Brasil.

* * *

DIA 20 — Vitimado por problemas cardíacos, faleceu o notável botânico catarinense padre Raulino Reitz, com a idade de 71 anos. Entre as tantas homenagens que durante sua carreira recebeu, contava com o que recebeu neste ano — o Prêmio Cientista Global 500, oferecido pela Organização das Nações Unidas.

* * *

DIA 22 — No Centro de Exposições da Prefeitura Municipal de Pomerode, realizou-se a solenidade de abertura da XII Exposição de Pintura em Porcelana, de Pomerode, mostrando numerosas obras artísticas que impressionaram a todos os que estiveram presentes ao ato. Participa-

ram obras de 47 artistas de Pomerode, e que tiveram a orientação de três professores.

* * *

DIA 22 — Com um concorrido coquetel, o Espaço de Arte Açu-Açu promoveu a abertura da exposição do GRUPO DOS ONZE — nada menos do que onze artistas que em conjunto expuseram seus trabalhos com sucesso absoluto.

* * *

DIA 23 — Teve início, na sede da Cultura Inglesa uma exposição de painéis em comemoração ao centenário de nascimento de Agatha Christie, a escritora mais popular da língua inglesa, com mais de um bilhão de cópias de seus livros vendidos, no idioma original, além de cerca de um bilhão de traduções para 44 idiomas.

* * *

DIA 23 — A aplaudida escritora Maria de Lourdes Krieger, lançou, no auditório da prefeitura municipal de Brusque, às 10 horas, perante numerosos convidados, o seu livro destinado ao público infanto-juvenil «Vovó Quer Namorar», editado pela FTD, de São Paulo.

* * *

DIA 9 — No Salão nobre da Prefeitura, o prefeito Victor Fernando Sasse deu posse aos membros do Conselho Para a Defesa do Consumidor, CODECON, criado com a Lei Complementar nº. 919/90, sancionada pelo chefe do Executivo no dia 16 de outubro. Fazem parte da Comissão, representantes da OAB, Ministério Público, Polícia Militar e Civil, FURB, Juizado de Menores, Clube de Diretores Lojistas, Câmara de Vereadores e SUNAB. A Comissão passou a ser presidida pelo promotor público Cesar Cim.

* * *

DIA 10 — No hall de entrada da Biblioteca «Martinho Cardoso da Veiga, na FURB, foi aberta a exposição de importantes trabalhos realizados por alunas do curso de Serviço Social, sobre o Patrimônio Arquitetônico de Blumenau, trabalho este muito elogiado por todos que o visitaram.

O morro do «SPITZKOPF»

No «Calendário Popular de Blumenau — Ano 1933», Rudolfo Hollenweger, antigo professor da Escola Particular do bairro Garcia e grande admirador e defensor da natureza e fauna daquela região, dá o seguinte relato: «Não muito longe do centro de Blumenau, situa-se a maior elevação do nosso município, o «Spitzkopf» de 915 metros de altura. — Pertence à Serra do Itajaí, este maciço, inclusive o «Pequeno Spitzkopf» e outros morros não muito elevados, é dividido pelo curso do Ribeirão Garcia.

O «Spitzkopf» é o símbolo do Vale do Ribeirão Garcia. Já os bugres costumavam, em suas incursões, observar do alto da montanha, onde o seu panorama abrangia todo o horizonte ao redor, o avanço e a evolução da colonização. Segundo se pode provar, o pico do morro foi

escalado pela primeira vez, para fins de orientação, por caçadores de bugres, guiados pelo velho senhor Deeke. — De 19 a 20 de Julho de 1892 subiram ao cume do morro, os senhores Fritz Alfahrt, professor; Hermann Gauche Senior, Otto Wehmuth, antigo fiscal e o velho caçador de bugres, Christian Imroth. Estes homens, há muito tempo já estão descansando em suas sepulturas. Como tenho em mãos o manuscrito que o professor Alfahrt escreveu, pode-se dizer que esta subida foi mais um «Engatinhar», pois a rota da subida foi tomada, por falta de orientação, por cima das cristas de rochas. Com o passar do tempo, outros amantes da natureza tentaram a façanha, conseguindo a subida pelo Vale do Rio do Ourc. Porém, por ali também a escalada continuava sendo muito difícil; a picada seguia ora sobre altas cumeadas, ora descia a grotas e precipícios. Para pessoas idosas o morro ficava inacessível.

Em 17 de Julho de 1927 foi fundado o «Clube do Spitzkopf» pelos senhores, professor Rodolfo Hollenweger, Johann Iten, Otto Huber, Alfredo Gossweiler e Paulo Scheidemantel.

Ainda no mesmo ano Rudolfo Hollenweger, construiu um picadão até ao cume do morro, proporcionando, assim, a possibilidade de chegar-se, montado em uma mula, ao alto do morro. Já no ano seguinte iniciou-se à construção de uma espaçosa cabana do clube. A uns 400 metros abaixo do pico foi ela erigida e é visível de longe, podendo alojar cerca de 50 pessoas; instalada com mesas, bancos, fogão e leitos, possibilita a permanência ali por alguns dias. Um elevador de água fresca, com cerca de 100 metros de corda, serve para puxar água cristalina de uma fonte que brota dos rochedos. Em toda esta região, considerada uma reserva natural a caça está proibida. Pois causa alegria e satisfação a todos que uma vez ou outra conseguem encontrar um desses animais silvestres, que, em breve pertencerão ao passado. Em breve deverá ser colocado no cume do morro um mapa, em relevo de metal, para melhor orientação territorial. O panorama é magnífico e vistoso para todos os lados do horizonte, principalmente após uma trovoadas. A olho nu, avista-se o mar, a Serra Geral, a Serra do Mar, com todos os seus prolongamentos até ao Morro Funil; um mar de névoas que se estende sobre os vales, alegria o coração do observador que, «acima das nuvens, no etéreo céu azul» pode tomar um banho de sol, quando no inverno, lá na baixada os vales estão cobertos de nevoeiro úmido e frio ou com camadas de geada.

De janeiro a julho de 1932 a cabana foi visitada e deu abrigo a mais de 300 pessoas. Por isso na Assembléia Geral, recém-realizada, foi resolvido ampliar as instalações da cabana e em especial para alojamento de mulheres. Sócios do Clube estão isento do pagamento de qualquer taxa, como também professores que com seus alunos sobem ao morro em visita, o que é de se recomendar. Para os não-sócios foi fixada uma pequena taxa, destinada para a conservação da cabana e renovação de suas instalações. Porém, deve-se recomendar aqui, aos visitantes de observarem o Regulamento da cabana e de evitarem quaisquer estragos ou danos de suas instalações.

Em todo o caso é preferível educar a juventude para o amor à natureza do que deixá-la abandonada e entregue a si mesmo nas pistas de danças aos domingos. — As canções e a alegria dos jovens e adultos

ão regressarem do morro, denotam que os nossos esforços caíram em campo fértil. Quem está disposto a colaborar com este pequeno grupo de idealistas que forma o clube, a fim de ampliar esta obra? A mensalidade é diminuta».

Traduzido por Frederico Kilian

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Transcrito do livro de Miguel Deretti "Apiúna nos Meus Apontamentos")

MAX MAYR, o advogado bondoso. Depois de 1920, estabeleceu-se no Vale do Itajaí o Dr. Max Mayr, alemão de nascimento. Advogava no baixo, médio e alto Vale do Itajaí, quando tudo pertencia ao município de Blumenau, continuando, com maiores vantagens, quando foi o Vale retalhado em municípios. Vinha muitas vezes a Apiúna, para dar solução às questões que surgiam. Resolvia tudo amigavelmente, marcando um dia do mês para atender às consultas e resolver os casos. Em geral, a audiência era feita na casa de um colono. Todos os moradores da tifa tinham conhecimento antecipado da vinda do advogado. Armava-se a cena e tudo funcionava como uma espécie de tribunal. Todos assistiam os debates entre os litigantes, estando sempre atento o Dr. Mayr, para que as discussões, embora acaloradas, fossem disciplinadas. E a audiência se prolongava o dia todo.

O advogado, dotado de grande bonariedade, era amigo de todos e compadre de muita gente. Nunca tinha pressa. Tomava as refeições na casa dos colonos, onde também dormia... Uma esteira no chão para descansar, um café e um pirão de farinha lhe bastavam. Não havia facilidade de locomoção. Com carro de bois, cavalo, carroça ou mesmo a pé, a tudo se acomodava. Falava perfeitamente o nosso idioma. Defendia-se razoavelmente na língua italiana, grace-

jando com frases chistosas e trocadilhos. Sem distinção de raças ou cor, todos eram seus amigos e a todos abraçava.

Alemão bondoso, falava muito alto, parecendo que estava sempre a brigar, mas nunca brigava. Quando havia um grupo de pessoas reunidas e se ouvia uma voz a sobressair sobre as demais, já se sabia que era o Dr. Max Mayr. Solucionava os fatos em questão, com sabedoria e sem ofender a nenhuma das partes litigantes. Usava frases simples, corretas, atraentes. Sentia-se bem quando se achava em meio à gente simples. Em 1935, em nossa Sala de Audiências, assisti um debate que durou o dia todo. Presidia o Dr. Mayr. Com habilidade conseguiu harmonizar dois casais vizinhos, inimigos há muitos anos. No fim da exaustiva jornada, seus honorários foram duas galinhas. Despachou-as de trem para Rio do Sul. Penso que o preço das aves não foi suficiente para pagar as passagens de ida e volta.

Max Mayr acabou seus dias tragicamente. Na manhã de 21 de junho de 1940, ao receber uma pessoa amiga na estação ferroviária de Rio do Sul, embarcando no trem, tentou salvar o cão policial que sempre o acompanhava (Léo). Então, perdeu o equilíbrio e caiu em meio aos vagões quando o trem já se punha em movimento. Faleceu assim aos 59 anos de idade, pranteado por todos.

Homenagem a um educador

O número 9 de Blumenau em Cadernos, setembro de 1990, página 213, trouxe um excelente artigo da Professora Valburga Huber, UFRJ, «A Literatura da Imigração Alemã de Santa Catarina». Cita, entre romancistas e poetas, o Professor Rudolf Damm, e aqui deve ser frisado: nascido em Dresden, 1858, emigrado em 1888, morreu em Blumenau, em 1915. Ao ler o artigo, como numa reação em cadeia, lembrei-me de que ele fora professor de minha mãe, na «Neue Schule» e quantas vezes ela recitava o que havia aprendido em sua infância: «Meiner Heimat Schmuck sind Palmen wo in Heindie Drossel singt...», o poema de Olavo Bilac, o Príncipe dos Poetas Brasileiros (1865-1918). Seu primeiro livro, Poesias, saiu em 1888.

Fico imaginando, um professor, pessoa culta e instruída na Alemanha de 1880, deixa tudo para ser educador numa terra desconhecida, onde encontra uma comunidade de compatriotas e seus descendentes nativos, vivendo em um meio ambiente diferente, desconhecido, novo. Ele tem uma capacidade incrível de entender a situação e procura amalgamar o alienígena europeu ao literário culto nacional. Ele estuda e entende o português, sensível, identifica-se com os poetas brasileiros e serve como uma ponte entre os dois, o alemão imigrante, formando uma nova Pátria, e o povo local, também buscando a formação de uma Pátria, reconhecendo neles os respectivos valores.

Sua clarividência lhe deve ter mostrado que o caminho mais longo é ensinar o português, para de-

pois terem acesso à parte literária e filosófica do País; o caminho mais curto era o de tornar acessível ao alemão toda inspiração poética do povo brasileiro. E, estou convicto, foi o motivo que não só o entusiasmou, mas também o levou a contribuir para a formação de uma união entre os povos de várias origens européias colonizando um novo continente que, ele bem o sabia, precisariam de uma identidade comum que lhes permitisse programar o seu futuro. O Professor Rudolf Damm representa, na literatura e na filosofia, um verdadeiro pioneiro na formação de uma autêntica identidade nacional. Ao traduzir Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, tornando-o acessível ao elemento alemão, estava, simbolicamente, plantando uma flor em terra que adotara como Pátria. Se olharmos as casas e as praças Blumenauenses floridas, verdadeiros jardins, devemos esperar agora o inverso, que suas mentes também reflitam nisso, um sentimento de estarem em sua Pátria, não importa de onde tenham vindo seus antepassados, este é o lugar onde vivem e do qual obterão os frutos de seu trabalho. Nunca serão gente sem pátria, andarilhos, errantes, pois possuem um dos cantos mais belos do Mundo, onde construirão o seu futuro, tendo por base o passado, no caminho que o Professor Rudolf Damm soube mostrar com sabedoria e sua dedicação de um verdadeiro educador brasileiro.

Knut Ewald Koster Mueller

Rua Mariz e Barros, 126/201

Niterói — RJ. —

CEP 24220 - Tel. (021) 710-5513.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA